

Fátima (cont.)

Mas isto recoloca uma questão que merecia ser tratada, mesmo a nível de conferência episcopal: é o esclarecimento, ou catequese, como se lhe prefira chamar, sobre as promessas de se ir a pé até Fátima, calcorreando, muitas vezes, centenas de quilómetros.

É certo que alguns desses peregrinos são aconselhados a substituírem esse seu sacrifício por uma atitude de vida. Lembro-me de, uma vez e a propósito da promessa de alguém ir a pé a Fátima, eu ter perguntado o que era mais difícil: se fazer todos esses quilómetros a pé ou reconciliar-se com um seu vizinho com quem andava, há anos, de relações cortadas. A resposta foi de que preferia ir a pé. Creio que poderá estar aqui um novelo a desfiar, de modo a que as coisas se alterem. Até porque numa caminhada de tantos quilómetros está em desgaste uma saúde que pertence, também, aos familiares de quem faz promessas deste género.

Pacheco de Andrade

INFORMAÇÕES

Procissão do Corpo de Deus:

Nesta 5ª feira, dia 19, no fim das Vésperas cantadas em honra do S.mo Sacramento, às 15,30 h., na Sé Catedral de Viana.

Festa da Vida e Jantar/Convívio:

A Festa da Vida realiza-se no próximo Domingo, dia 22, às 9,30 h. Na próxima 6ª feira, dia 20, às 19,45 h., no salão paroquial, haverá um Jantar/Convívio dos adolescentes do 8º ano e familiares preparando a Festa da Vida.

Confissões para o 8º ano de catequese e família:

Como preparação para a festa da Vida, as Confissões, precedidas de uma Celebração Penitencial, serão no próximo sábado, dia 21, às 14,30 h.

Peregrinação a Santa Luzia:

Realiza-se este ano no dia 29 de Junho, com saída às 9 h. do Largo da S.ra da Agonia. Este ano iremos no lugar da paróquia do Senhor do Socorro, e iremos juntos com Carreço como aconteceu nos anos anteriores.

A Peregrinação Diocesana ao Monte de Santa Luzia realiza-se todos os anos no Domingo a seguir ao dia do Sagrado Coração de Jesus, o qual é sempre na 6ª feira da semana a seguir ao dia do Corpo de Deus.

Esta Peregrinação começou em 1922, para cumprimento de uma promessa ao Sagrado coração de Jesus, relacionada com a Peste Bubónica, que grassou em Portugal nesses anos e da qual o Concelho de Viana do Castelo foi livre.

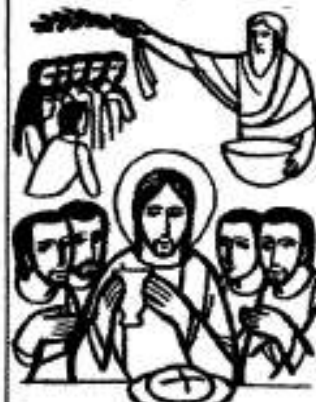
PARÓQUIA VIVA



Nº 90 – 19/06/2003

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo
Telef: 258835086 / 936322123 / 258806756 • Sai todos os Domingos e Dias Santificados

Corpo de Deus – Ano B



«Jesus tomou o pão, recitou a bênção e partiu-o, deu-o aos seus discípulos e disse: "Tomai: Isto é o meu Corpo". Depois tomou um cálice, deu graças e entregou-lho. E todos beberam dele. Disse Jesus: "Este é o meu Sangue, o Sangue da nova aliança, derramado pela multidão dos homens"» (EvangELHO)

PAI NOSSO

Por: Mário Salgueirinho

No ambiente doloroso e macabro da guerra, deparamos por vezes com centelhas de luz que nos confortam e edificam.

No Iraque, foi atingido por um projectil o hotel onde se hospedavam os jornalistas de todo o mundo: das televisões, das rádios, da imprensa.

Bastantes portugueses.

Alguns foram feridos e dois morreram. Um deles era da vizinha Espanha.

Os jornalistas reuniram-se no jardim do hotel para um momento de oração e de homenagem aos companheiros mártires da guerra. Momento profundamente emocionante, em que alguns não contiveram as lágrimas.

Foi então que ouvimos - com grande brio - um jornalista português levantar a voz - sem respeito humano, sem envergonhar-se da sua fé - e rezar o Pai-nosso, acompanhado respeitavelmente pelo silêncio dos companheiros doutras religiões ou sem religião nenhuma.

Parabéns, português corajoso! Nem todos eram capazes de fazer isso!

Lembrei-me de ter lido um episódio ocorrido com um soldado ferido, internado numa enfermaria. À noite, os companheiros cristãos rezavam em voz alta o Pai-nosso. O rapaz ficava em silêncio, sem poder acompanhá-los, porque nunca aprendera a rezar.

Quando regressou a casa, perguntou aos pais, com uma certa tristeza e descontentamento:

- Por que é que vocês nunca me ensinaram a rezar o Pai-nosso, que os meus companheiros rezavam tão bem na enfermaria?

Quanta gente há por aí que, por desleixo ou má vontade dos pais, nunca aprendeu ou esqueceu essa maravilhosa oração ensinada pelos próprios lábios do Senhor!

Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo - Ano B

LITURGIA DA PALAVRA

A Palavra de Deus que a liturgia oferece à nossa reflexão, convida-nos a meditar o grande acontecimento da história da Salvação: a Aliança que Deus estipulou com o Seu povo. A partir desse acontecimento, toda a história da Humanidade será a história de Deus, nosso Aliado (*I leitura*). A Aliança do Sinai, contudo, era simplesmente imagem, figura, símbolo da verdadeira e definitiva Aliança estipulada no Sangue do Senhor (*II leitura*). Como a Aliança antiga, também é selada com sangue de vítimas. Por isso, o Senhor derrama e oferece o Seu sangue para que seja nosso ao ponto de, na «Ceia do Senhor», ser bebido por nós e ser por nós oferecido como a vítima da nossa Aliança (*Evangelho*).

1ª leitura: Êx. 24, 3-8

«Este é o sangue da aliança que Deus firmou convosco» – No Sinai, Deus estabelece uma Aliança com o povo, por Ele libertado do Egito. E, como todas as alianças, que então se contralam entre os homens, também esta é sancionada com o sangue de uma vítima, oferecida em sacrifício. Para os povos antigos o sangue simbolizava a vida. Ao derramar o mesmo sangue sobre o altar de Deus, e sobre o povo, Moisés, único mediador desta aliança, significava assim que, com um pacto de vida, o povo se vinculava, eternamente, a Deus.

2ª leitura: Hebr. 9, 11-15

«O sangue de Cristo purificará a nossa consciência» – Todos os sacrifícios oferecidos na antiga Aliança eram imperfeitos e provisórios. Todo o seu valor lhes vinha de simbolizarem e anunciarem o único Sacrifício perfeito e definitivo – o de Jesus Cristo. Verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, aceite por Deus e pelos homens, o Senhor Jesus foi o Mediador perfeito, que ofereceu, duma vez para sempre, o Sacrifício, pelo qual foram expiados os nossos pecados e reatadas as nossas relações de amor com o Pai.

Com este Sacrifício de expiação e de aliança, Jesus tornou-nos herdeiros da Promessa, ao mesmo tempo que «superou, dando-lhes cumprimento, todos os sacerdócios rituais e os sacrifícios do Antigo Testamento, assim como os pagãos. No Seu Sacrifício, Ele assume as misérias e os sacrifícios dos homens de todas as épocas» (III Sinodo dos Bispos, O Sacerdócio ministerial, I, D).

Evangelho: Mc. 14, 12-16, 22-26

«Isto é o meu Corpo. Este é o meu Sangue» – Ao celebrar a Ceia pascal, Jesus repetia um rito, velho de séculos, com o qual se comemorava a libertação do povo hebreu da escravidão do Egito. Mas, no momento em que toma o cálice e diz – «Este é o Meu Sangue, o Sangue de Aliança» – esse rito adquire um sentido inteiramente novo. A figura cede perante a realidade; o sacrifício do Cordeiro pascal é substituído pelo único e perfeito Sacrifício. Antecipando o Sacrifício, com que no dia seguinte selará a Nova Aliança, Jesus, na Ceia da nova Aliança, na Eucaristia, dá-nos a possibilidade de nos associarmos à Sua Morte e Ressurreição, celebrando uma salvação permanentemente actual.

VIVER A LITURGIA

A ORAÇÃO EUCARÍSTICA

A Oração Eucarística (que começou com um diálogo inicial, antes do Prefácio e do Santo; prossegue agora com a invocação do Nome de Deus: *Vós, Senhor, sois verdadeiramente Santo...*

Em seguida, estendendo as mãos sobre o pão e o vinho, o presidente pede ao Pai que nos envie o Espírito Santo. Assim, os dons colocados sobre o altar, pela acção do Espírito Santo, serão o Corpo e o Sangue do Senhor. O mesmo Espírito é que fará desta reunião eucarística uma comunidade eucarística.

Com o relato da instituição da Ceia do Senhor, tomamos consciência de que o louvor e a acção de graças da Igreja expressam o desejo de Jesus. Ele quis permanecer entre nós nos gestos significativos de uma refeição de Eucaristia. Atentamente, a comunidade ouve o relato de tudo o que Jesus fez na Última Ceia.

Comemorando o sacrifício de Cristo – a Sua morte libertadora – presente em cada celebração, a assembleia dos baptizados oferece-se a Deus. Diante da entrega do Filho, só nos resta uma atitude: oferecer também as nossas vidas ao Pai. Não se trata, portanto, de repetir o sacrifício de Cristo. A sua morte realizou-se uma vez por todas na Cruz. Mas, ao celebrá-la, fazemos a memória do acontecimento que nos salva. Memória, aqui, significa acolhimento e participação do dom que o Pai fez de Seu Filho à humanidade.

A memória de Cristo, da Sua Paixão e Ressurreição, faz-nos participar da plenitude do mistério pascal.

A intercessão colocados em comunhão com os ausentes: o Papa, o Bispo e os demais irmãos. Também os Santos e os falecidos são lembrados com carinho e gratidão. Todos nós formamos o mesmo Corpo, que é a Igreja. Após o *por Cristo, com Cristo, em Cristo*, segue o *Amen* cheio de significado.

Do livro «A Eucaristia Que Celebramos»

Fátima

Num denso artigo, denso e clarificante, frei Bento Domingues fazia, há dias, no "Público" algumas considerações sobre Fátima. Fazia-o olhando o que continua a afirmar-se, sociologicamente, como fenómeno em que convergem a fé de muitos, o folclorismo de alguns e a ansiosa esperança de tantos que buscam ali solidez interior para os seus sofrimentos. Fazia-o com algumas interrogações e o profundo respeito de quem encara uma realidade séria que, não sendo um dogma, nem por isso deixa de ser um pilar importante na história contemporânea da Igreja.

Há quem não acredite, sem que por tal a sua fé sofra ruptura. E há quem veja apenas a pele exterior de Fátima, desconhecendo o caudal de reflexão, de iniciativas, de movimentação interior, de estradas de Damasco, e do alinhamento de caminhadas que têm ali o seu começo. E, aqui, nem valerá a pena referir quem quis fazer de Fátima um tema de sombria publicidade comercial, misturando a contestação com o insulto.

Com tudo isto importa, no entanto, assinalar que também há aspectos negativos, um dos quais surgiu agora com o lucro extraído de uma promessa que tinha sido feita por alguém que a não podia cumprir. Pela primeira vez, assistimos pela televisão à presença, no santuário, de um peregrino por encomenda que se dispôs, a troco de determinada quantia, realizar a caminhada que outra pessoa não fora capaz de fazer. É provável que, a partir de agora e com este novo processo de venda, se inicie um mercado de ofertas em que abundarão os praticantes de um novo negócio pedestre, de mais a mais em tempo de crise!

(Continua na pág. 4)